

gigantes:
os senhores do mundo
peter phillips

Tradução de José Saraiva

 **DESASSOSSEGO**
LIVROS PARA PENSAR

DEDICATÓRIA

Mary M. Lia

Obrigado, amada esposa,
por 20 anos de carinho,
amizade e apoio.

ÍNDICE

PREFÁCIO

11

INTRODUÇÃO

QUEM MANDA NO MUNDO?

por William I. Robinson

15

1.

A ELITE DO PODER DA CLASSE CAPITALISTA TRANSNACIONAL:

UMA HISTÓRIA COM 70 ANOS

21

2.

AS GIGANTES FINANCEIRAS GLOBAIS:

O NÚCLEO DO CAPITALISMO GLOBAL

33

3.

GESTORES:

A PODEROSA ELITE GLOBAL DAS GIGANTES FINANCEIRAS

57

4.

FACILITADORES:

O CENTRO DE PLANEAMENTO DAS POLÍTICAS DA
ELITE DO PODER DA CLASSE CAPITALISTA TRANSNACIONAL

137

5.

PROTETORES:

A ELITE DO PODER E O IMPÉRIO MILITAR DOS EUA NA OTAN,
AGÊNCIAS DE INFORMAÇÕES E EMPRESAS MILITARES PRIVADAS

185

6.

IDEÓLOGOS:

AS CORPORAÇÕES DOS *MEDIA* E AS EMPRESAS DE
PROPAGANDA E RELAÇÕES PÚBLICAS — COMO VENDER
O IMPÉRIO, A GUERRA E O CAPITALISMO

219

7.

ENFRENTAR O MONSTRO:

RESISTÊNCIA E MOVIMENTOS DEMOCRÁTICOS

249

POST SCRIPTUM

CARTA-ABERTA À PODEROSA ELITE GLOBAL

263

AGRADECIMENTOS

265

NOTAS

269

ÍNDICE REMISSIVO

289

PREFÁCIO

GIGANTES: OS SENHORES DO MUNDO SEGUE UMA TRADIÇÃO QUE VEM já desde 1956, do livro de C. Wright Mills, *The Power Elite (A Elite do Poder)*. Tal como fez Mills, tentamos alertar para as redes de poder que afetam as nossas vidas e o estado da sociedade. Mills descreveu a elite do poder como sendo aqueles «que decidem o que é decidido» nos assuntos que possuam consequências importantes. Sessenta e dois anos depois, as elites do poder tornaram-se globais e edificaram instituições que facilitam a preservação e a proteção dos investimentos em capital realizados por todo o mundo.

Na ideia de uma elite do poder globalizada há um conceito central, o de uma Classe Capitalista Transnacional, sobre a qual a literatura académica vem desenvolvendo teorias desde há cerca de 20 anos. O Capítulo 1 deste livro revê a transição das elites do poder no quadro do estado-nação, que foram descritas por Mills, para uma elite do poder transnacional, centrada no controlo do capital global. A Poderosa Elite Global funciona como uma rede não governamental de pessoas com um nível similar de riqueza e educação, que têm interesses comuns na gestão, facilitação e proteção da riqueza global concentrada, e em assegurar o contínuo crescimento do capital. A Poderosa Elite Global influencia e utiliza as instituições internacionais controladas por autoridades governamentais — nomeadamente o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a Organização Mundial do Comércio (OMC), o G7, o G20, e muitas outras ainda. Estas instituições governamentais que representam todo o mundo recebem instruções e recomendações sobre as políticas a seguir vindas de redes de organizações e associações não governamentais ligadas à Poderosa Elite Global.

O nosso esforço centra-se na identificação das mais importantes redes da Poderosa Elite Global, e dos indivíduos que as constituem. Neste livro nomeamos 389 indivíduos que consideramos serem membros do núcleo das redes não governamentais de planeamento político que gerem, facilitam e protegem a contínua concentração do capital global. A Poderosa Elite Global constitui o núcleo ativista da Classe Capitalista Transnacional — o um por cento abastado entre os habitantes deste mundo —, que cumpre a função unificadora de fornecer justificações ideológicas para os seus interesses comuns e de

estabelecer os parâmetros das ações necessárias que as organizações governamentais transnacionais devem depois implementar.

Esta concentração de riqueza protegida conduziu a uma crise da Humanidade, já que a pobreza, a guerra, a fome, a alienação das massas, a propaganda dos *media*, e a devastação ambiental estão a atingir níveis tais que constituem uma ameaça à própria espécie. Constatamos que a Humanidade enfrenta o risco da possível extinção, e reconhecemos que a Poderosa Elite Global é provavelmente a única entidade capaz de corrigir esta condição sem com isso levar a grandes tumultos sociais, à guerra e ao caos. Este livro é um esforço para levar essa constatação da importância da mudança sistémica e da redistribuição de riqueza tanto aos leitores como à própria Poderosa Elite Global, na esperança de que todos possam dar início ao processo de salvação da Humanidade.

Pensamos também que os movimentos sociais, democráticos, não violentos, de resistência e não cooperação, e que utilizem a Declaração Universal dos Direitos Humanos como código moral, podem acelerar o processo de redistribuição da riqueza, pressionando a Poderosa Elite Global a agir e tomar medidas com as quais não se sente ainda confortável.

No Capítulo 2 identificamos as 17 Gigantes financeiras globais, as firmas de gestão de ativos que controlam mais de um bilião de dólares em capital cada uma. Coletivamente, estas Gigantes gerem mais de 41,1 biliões de dólares, numa rede de capital entrelaçado que cobre todo o globo, através de investimentos de umas nas outras. Porém, as Gigantes não investem apenas nas suas iguais, mas também em muitas outras centenas de firmas de gestão de investimentos, muitas das quais são Quase Gigantes, o que resulta em dezenas de biliões de dólares coordenados numa única e vasta teia de capital global controlada por um muito pequeno número de pessoas. O seu objetivo constante é o de encontrar as suficientes oportunidades seguras de investimento que possam garantir um lucro que permita o crescimento contínuo. As oportunidades de colocação de capital inadequadas conduzem a investimentos especulativos e perigosos, à compra de bens públicos e aos gastos permanentes em atividades bélicas.

Identificamos os 199 dirigentes das Gigantes financeiras globais pelos seus nomes e fornecemos curtas biografias e informação pública sobre a sua fortuna pessoal. A informação sobre estes gestores, pertencentes à Poderosa Elite Global e que controlam as Gigantes, forma uma parte essencial do Capítulo 3. As suas biografias dão-nos uma ideia dos interesses comuns e das histórias pessoais partilhadas que estas 199 pessoas possuem. Além disso, apresentamos uma biografia mais aprofundada de três dos mais importantes gestores das Gigantes globais.

Estes 199 gestores do capital global estão fortemente interligados através das numerosas redes de que fazem parte, as quais incluem o Fórum Económico Mundial, a Conferência Monetária Internacional, as universidades que frequentaram, vários conselhos de ordem política, clubes sociais e empreendimentos culturais. É seguro concluir que todos eles se conhecem pessoalmente ou estão pelo menos cientes da existência uns dos outros, no contexto comum das suas posições de poder.

No Capítulo 4 examinamos a lista de membros de duas organizações não governamentais da elite global, muito importantes no planeamento de políticas. Ambas são organizações sem fins lucrativos, que empregam pessoal investigador e de apoio, e que emitem instruções e diretivas para implementação por instituições governamentais transnacionais como o G7, o G20, o FMI, a OMC e o Banco Mundial. Os 32 membros do G30 (Grupo dos Trinta) e as 55 pessoas que fazem parte do comité executivo alargado da Comissão Trilateral formam um grupo nuclear de 85 (dois deles fazem parte de ambos os grupos) facilitadores do capitalismo global. Estes indivíduos trabalham no sentido de assegurar que o capital global se mantém a salvo, em segurança e em crescimento.

A riqueza concentrada requer tradicionalmente um sistema de leis e de poder policial para se proteger. Isto não deixa de ser verdade para a concentração global de capital. No Capítulo 5 examinamos o poder do império militar dos EUA/OTAN. Este estado policial de natureza militar transnacional opera em quase todos os países do mundo e ameaça as nações que não cooperam totalmente com o capital global através de operações secretas, mudanças de regime e pesada propaganda negativa. Também examinamos a forma como as Gigantes globais investem na guerra como um método de empregar capital em excesso com retorno garantido, recorrendo cada vez mais à utilização de companhias privadas militares ou de segurança para a proteção da Poderosa Elite Global e da sua riqueza.

A Poderosa Elite Global está perfeitamente ciente do seu carácter de pequena minoria, de que corresponde ao um por cento imensamente rico num vasto mar de humanidade empobrecida. O Conselho do Atlântico Norte (Atlantic Council), por exemplo, existe como um grupo não governamental sem fins lucrativos que emite diretivas para proteger a segurança da riqueza concentrada, um objetivo que é muitas vezes descrito como sendo parte dos «interesses vitais» americanos. Identificamos os 35 principais elementos da Poderosa Elite Global que fazem parte do comité executivo do Conselho do Atlântico Norte. Estas pessoas são os protetores essenciais do capital global concentrado. O Pentágono, a OTAN e as

agências de espionagem prestam muita atenção às suas recomendações e relatórios de pesquisa.

As redes de poder e de capital concentrado requerem uma contínua justificação ideológica. No Capítulo 6 examinamos o grau de investimento das Gigantes nas corporações de *media* e o uso crescente de empresas de relações públicas e propaganda nos sistemas noticiosos do mundo. As seis maiores organizações globais de *media* oferecem uma contínua justificação ideológica para o capitalismo empresarial, e minorizam ou censuram qualquer informação que questione a permanente concentração de riqueza e o crescimento da desigualdade. Temos agora um sistema de *media* que tenta controlar todos os aspectos do pensamento humano e que promove o consumo sem limites e a obediência cega. A mensagem ideológica dominante dos *media* de hoje é que o contínuo crescimento da economia levará a que os benefícios acabem por chegar a todos os seres humanos, mesmo que a conta-gotas, e salvará o planeta.

O Capítulo 7 é um sumário e uma afirmação do que é preciso fazer, que coloca a ênfase na contínua crise da Humanidade e na necessidade de uma ação corretiva no futuro próximo. Os ativistas envolvidos em movimentos sociais que desafiam o Monstro da riqueza concentrada devem estar conscientes de que a continuação das suas ações é vital para a sobrevivência da Humanidade. Há que manter uma pressão constante que leve a Poderosa Elite Global a tomar medidas que protejam não apenas os seus membros, mas toda a Humanidade. Temos de transformar o gotejar dos possíveis benefícios numa torrente de recursos que chegue a todos os seres humanos no planeta. Para isso, é vital reconhecer a importância da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O Post Scriptum deste livro consiste numa carta-aberta à Poderosa Elite Global, pedindo-lhe que pense nas gerações futuras quando tomar decisões sobre o capital global, e incitando-a a empreender ações corretivas antes que se verifiquem sérios e inevitáveis tumultos populares e se acentue a devastação ambiental generalizada.

Peter M. Phillips

*Professor de Sociologia Política
Sonoma State University*

INTRODUÇÃO

QUEM MANDA NO MUNDO?



Atravessamos tempos marcados por uma terrível crise mundial. A polarização social atingiu níveis nunca antes vistos em todo o mundo. Os dados compilados pela agência internacional para o desenvolvimento, a Oxfam, são bem conhecidos: o um por cento mais rico da Humanidade controlava, em 2017, mais de metade da riqueza do mundo; 30 por cento da população desfrutava de cerca de 95 por cento da mesma riqueza, enquanto os outros 70 por cento tinham de sobreviver com menos de cinco por cento dos recursos globais. Em janeiro de 2018, pouco depois de o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se vangloriar de ter a mão em cima de um «botão nuclear maior» do que o da Coreia do Norte, o *Boletim dos Cientistas Atômicos* fez avançar o ponteiro do relógio da destruição até aos dois minutos para a meia-noite. Nesse mesmo mês, a *Economist* (de 27 de janeiro) apresentava na capa uma história que alertava para «a crescente ameaça de um conflito entre as grandes potências». As alterações climáticas e a degradação ambiental que se vê por todo o mundo estão a provocar problemas generalizados. Na Califórnia, onde vivo, a seca prolongada induzida pelas alterações climáticas¹ deu em 2017 origem a incêndios florestais que provocaram várias centenas de mortos e feridos, que foram seguidos no início de 2018 por inundações repentinas e deslizamentos de terrenos, que levaram à perda de mais algumas dezenas de vidas e obrigaram ao fecho por algumas semanas da universidade onde dou aulas. Se não nos aniquilarmos uns aos outros num holocausto nuclear, ou se não mergulharmos na barbárie de um estado policial global, teremos ainda assim de nos confrontar com a ameaça

de uma sexta extinção global provocada pelos seres humanos, algo que os cientistas dizem estar já a ocorrer.

As obscenas desigualdades induzidas pelo capitalismo global não são sustentáveis. Estão a alimentar insurgências populistas de extrema-direita e movimentos neofascistas no seio dos setores das classes operária e média, que veem o seu nível de vida a piorar, e que são incitados por políticos demagogos que lhes prometem pôr fim a esse declínio e restaurar uma aparência de estabilidade, muitas vezes graças a apelos de natureza racista e nativista, como bem ilustra a ascensão do trumpismo nos EUA. A relação entre o aumento das desigualdades, os conflitos sociais e as crises políticas está há muito bem demonstrada na literatura sociológica. À medida que a desigualdade cresce e a riqueza é concentrada numa cada vez menor porção da população mundial, os contratos de procura e o mercado global não conseguem absorver toda a produção da economia global. A Classe Capitalista Transnacional, ou CCT, não consegue encontrar formas para reinvestir com lucro os biliões de dólares que tem vindo a acumular. Em anos recentes virou-se para a especulação financeira selvagem no casino global, atacando e saqueando os orçamentos públicos, promovendo guerras e a ampliação de sistemas de controlo social e de repressão para sustentar essa acumulação e conter a rebelião, seja ela real ou potencial, dos pobres e dos marginalizados.

É evidente que a sobrevivência da Humanidade depende, mais do que nunca, de uma reforma radical, senão mesmo do derrube puro e simples do sistema capitalista global. Os sistemas que se baseiam no domínio coercivo são instáveis. Contudo, a verdade é que pura e simplesmente não existe base para um poder consensual nas condições correntes do capitalismo global. A questão política mais urgente do nosso tempo é a forma de se conseguir uma redistribuição global da riqueza e do poder, e de devolver recursos à maioria pobre, para afastar as explosivas — aliás, suicidas — contradições do sistema. Se almejamos de facto conseguir essa redistribuição, temos de compreender a estrutura do poder global. É essa a tarefa a que o professor Phillips resolveu deitar mãos no presente estudo. E conseguiu-o, de facto! Utilizando as ferramentas de pesquisa e documentação das ciências sociais, identifica as vastas redes do poder empresarial transnacional que moldam as vidas de toda a gente no planeta. Este estudo, de importância crucial e que nos chega no momento ideal, fornece uma resposta à pergunta: «Quem manda no mundo?»

Na melhor tradição dos estudos sobre a elite do poder, iniciada por C. Wright Mills no seu clássico livro de 1956, *The Power Elite*, o professor Phillips

expõe um núcleo duro de 389 indivíduos, escolhidos por entre os mais altos escalões da Classe Capitalista Transnacional, situados no cimo desta estrutura do poder global. Uma geração anterior de estudos do género focou-se nas redes corporativas e políticas que governam a nível nacional. Mas essa geração anterior viu-se ultrapassada perante a globalização capitalista. O que foram em tempos as classes capitalistas nacionais desenvolveram-se graças à integração transnacional do seu capital, transformando-se numa classe capitalista transnacional. Neste *Gigantes: Os Senhores do Mundo*, o professor Phillips baseia-se num conjunto de estudos recentes que mostram como a globalização teve como resultado a interpenetração transnacional das redes de poder nacional. Vemos agora uma consolidação de poder económico e político nessa elite transnacional, ao nível global, através de uma concentração nunca vista do capital financeiro, e graças à influência política que este controlo económico detém sobre os estados e sobre as instituições intergovernamentais e transnacionais.

Há três décadas que me dedico ao estudo do capitalismo global, e tenho investigado a CCT nos últimos 20 anos. Ainda assim, fiquei chocado ao descobrir, através da leitura deste trabalho, tanto o ponto até ao qual o poder económico global está concentrado numa pequena elite financeira, como a magnitude desse poder. Um espantosamente pequeno grupo detém o controlo sobre o futuro da Humanidade. Em poucas palavras, 17 conglomerados financeiros globais gerem coletivamente 41,1 biliões de dólares «numa rede entrecruzada de autoinvestimento de capitais que cobre o globo». Além disso, estes 17 colossos têm investimentos de tal forma entrecruzados que acabam por fazer passar a ideia de uma única massa de capital financeiro global intrincada. O número de 41 biliões de dólares é na realidade enganadoramente baixo, já que, como este estudo demonstra, não inclui o valor das ações que estes conglomerados detêm em todos os ramos da estrutura empresarial global. Esta massa compacta de capital financeiro transnacional possui fortes investimentos nos *media*, na indústria, no comércio e no complexo militar-industrial global.

A Poderosa Elite Global emite diretivas para salvaguardar os seus interesses no que diz respeito à gestão e proteção do capital global e à cobrança de dívidas a nível mundial, e fá-lo em fóruns privados de decisão como o Fórum Económico Mundial, a Comissão Trilateral, o G30, o Conselho do Atlântico Norte, o Grupo Bilderberg e também em instituições estatais transnacionais, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, o G20 e o Banco de Pagamentos Internacionais (Bank for International Settlements). Ao mesmo tempo, coloca-se numa posição estratégica para

impor essas diretivas, graças aos postos que os seus membros ocupam em estados individuais e nas instituições transnacionais em que eles estão representados. Para ser claro, a enorme concentração de poder económico traduz-se numa enorme influência sobre as políticas globais. Esta relação entre o poder económico (de uma classe) e o poder de um estado constitui uma forma de a CCT emitir ordens que os funcionários governamentais devem seguir. Tal como diz um dos membros da elite global que o professor Phillips cita, estes funcionários são «os pilotos que comandam o nosso avião». Nas palavras do professor Phillips, a Poderosa Elite Global «não produz recomendações, mas instruções que espera ver seguidas».

O estudo que o leitor tem à sua frente não tenta mostrar-nos *como* podemos confrontar a Poderosa Elite Global — como forçá-la a mudar de rumo, ou mesmo derrubá-la, pura e simplesmente. Este trabalho não é um manifesto político. Durante grande parte do século xx, as lutas das massas, das classes operária e popular, dos colonizados, dos oprimidos em função da raça, e dos pobres, obrigaram o sistema a uma redistribuição da riqueza que adiou a polarização que é inerente ao capitalismo. As elites responderam à revolta das camadas inferiores da população com o lançamento de uma contraofensiva nas últimas décadas do século xx, que ficou conhecida como globalização neoliberal. Ao optarem pela globalização, os capitalistas conseguiram ver-se livres dos entraves à busca do lucro sem limites e à acumulação de riqueza que existiam ao nível do estado-nação. O resultado foi uma concentração sem precedentes de riqueza na CCT. Mas o professor Phillips também alude ao recrudescer das lutas de resistência e aos movimentos de mudança social que contestam a Poderosa Elite Global e o seu sistema decadente. De facto, se até o estado policial global está a ressurgir na forma de uma empresa capaz de gerar lucro, a verdade é que o seu propósito político de maior importância é a supressão da revolta global. À medida que esta revolta avança, tem necessidade de compreender a estrutura de poder global com que se defronta. Este estudo fornece uma contribuição indispensável para essa compreensão.

Há uma preocupação crescente entre os elementos reformistas da elite transnacional, de que a desigualdade sem restrições ameaça a estabilidade do capitalismo global e de que tem de existir alguma forma de redistribuição. Estas elites têm-se debatido para encontrar maneiras de reformar o sistema, de modo a salvar o capitalismo de si mesmo e de impedir mudanças mais radicais vindas de baixo. Por um lado, a crise do capitalismo global e o aumento das preocupações entre os elementos reformistas da elite transnacional estão a conduzir a divisões claras no seio do bloco dominante global. Por outro

lado, estas fraturas crescentes nesse bloco e a urgência de reformas abrem novas possibilidades para a busca de alianças políticas estratégicas para aqueles que, estando em níveis inferiores, lutam por alterações mais acentuadas. A História mostra-nos que as grandes reformas do capitalismo aconteceram em momentos de crise aguda, quando os grupos dominantes estavam divididos e quando existiam poderosos movimentos sociais nas camadas menos privilegiadas da sociedade. Os maiores movimentos de reforma — por exemplo, nos anos 30 e nos anos 60 do século xx — resultaram das lutas de massas militantes que apresentaram exigências ao Estado e às elites para que fossem feitas mudanças radicais. As grandes reformas do capitalismo provieram menos de decisões de elites iluminadas do que dos combates de massas que forçaram as elites a ceder nas reformas. Na minha opinião, a melhor forma de conseguir uma reforma do capitalismo é combatendo-a.

William I. Robinson

Professor de Sociologia

Universidade da Califórnia, Santa Bárbara

1.

A ELITE DO PODER DA CLASSE CAPITALISTA TRANSNACIONAL:

UMA HISTÓRIA COM 70 ANOS²

AS ELITES QUE GOVERNAM DE FORMA TRANSNACIONAL

Em janeiro de 2016, a Oxfam International revelou que um grupo de 62 pessoas detinha tanta riqueza como metade do mundo, e um ano depois adiantou que metade da riqueza mundial era então propriedade de apenas oito homens.³ A concentração da riqueza está a dar-se com tanta rapidez que é perfeitamente possível que dentro em breve um único homem detenha mais riqueza do que metade do conjunto dos seres humanos no mundo. Os seis mais ricos bilionários em 2017 eram (com país de cidadania e fortuna pessoal estimada) Bill Gates (EUA, 88,8 mil milhões de dólares), Amancio Ortega (Espanha, 84,6 mil milhões), Jeff Bezos (EUA, 82,2 mil milhões), Warren Buffett (EUA, 76,2 mil milhões), Mark Zuckerberg (EUA, 56 mil milhões) e Carlos Slim Helú (México, 54,5 mil milhões). A lista de bilionários da *Forbes* continha, em 2017, 2047 nomes.⁴ Esta elite capitalista global está perfeitamente ciente desta vasta desigualdade e da veloz concentração de riqueza nas suas mãos. Os bilionários são semelhantes aos proprietários de plantações dos tempos coloniais. Sabem que são uma ínfima minoria que detém vastos recursos e poder, mas sabem também que têm de se preocupar constantemente com a possibilidade de as massas exploradas e desordeiras se erguerem numa rebelião. Num esforço para promover mais democracia e igualdade, este livro é uma tentativa de explicar como estas vastas diferenças de riqueza continuam a crescer e quais os mecanismos de poder que protegem e mantêm estes gigantes do capitalismo. Como é possível que o Congresso dos EUA tenha recentemente aprovado uma gigantesca redução de impostos para as mais ricas elites do país, oferecendo-lhes mais alguns milhares de milhões

de riqueza concentrada? Compreender como se perpetuam poder e desigualdade pode talvez oferecer-nos a oportunidade de lutar pela democracia e pela igualdade no mundo atual, e consegui-las.

A existência de uma classe dominante que governa os Estados Unidos é documentada por uma longa tradição de investigação sociológica. Esta elite decide os caminhos e determina as prioridades políticas nacionais. A classe dominante americana é complexa e competitiva. Perpetua-se graças à interação de famílias de elevado estatuto social, com estilos de vida similares, filiações nas mesmas instituições e frequência dos mesmos clubes sociais de elite e das mesmas escolas privadas.⁵

Há muito que se tornou evidente que a classe dominante americana se autopropetua⁶ e que mantém a sua influência através de instituições que apontam as políticas a seguir, tais como a National Association of Manufacturers, a Câmara de Comércio Americana, o Business Council, a Business Roundtable, o Conference Board, o American Enterprise Institute for Public Policy Research, o Conselho dos Negócios Estrangeiros e outros grupos de política centrada nos negócios.⁷ Estas associações dominam há muito as decisões políticas no seio do governo dos EUA.

No seu livro de 1956, *The Power Elite*, C. Wright Mills documentou a forma como a Segunda Guerra Mundial solidificou uma trindade do poder nos EUA, que unia as elites empresariais, militares e governamentais numa estrutura centralizada de poder, motivada por interesses de classe, e que trabalhava em uníssono através dos «altos círculos» onde se estabeleciam contactos e acordos. Mills descreveu a forma como a elite do poder era constituída por aqueles «que decidem o que é decidido» em matérias de relevo.⁸ Estes decisores dos altos círculos tendiam a estar mais preocupados com as relações entre as organizações e com o funcionamento da economia no seu todo do que em promover os seus interesses corporativos particulares.⁹ Mills tem o cuidado de observar que a conceção de uma elite do poder não se baseia somente na amizade pessoal, mas numa ideologia mais alargada de objetivos partilhados por todo o sistema empresarial¹⁰.

As elites do alto círculo decisor, enquanto segmento da classe alta americana, são as principais decisoras na sociedade. Embora essas elites mostrem uma certa consciência de grupo, também exibem uma tendência para manter desacordos infundáveis quanto a políticas específicas e quanto às ações necessárias em várias circunstâncias sociopolíticas¹¹. Esses desacordos podem bloquear respostas de reação agressiva a alguns movimentos civis e a perturbações da sociedade, como foi o caso do movimento operário nos anos 30 e o movimento pelos direitos civis nos anos 60. Durante estes dois períodos, os

elementos mais liberais das elites políticas dominavam geralmente o processo de tomada de decisões e apoiaram a aprovação do National Labor Relations and Social Security Acts em 1935, bem como o Civil Rights and Economic Opportunity Act (Lei sobre Direitos Cívicos e Oportunidades Económicas) em 1964. Estas peças de legislação nacional foram vistas como concessões aos movimentos sociais e às perturbações da ordem desses tempos, e foram implementadas como alternativa à colocação em prática de políticas mais repressivas¹².

Em décadas recentes, e sobretudo desde os acontecimentos do 11 de Setembro, as elites políticas nos EUA têm estado geralmente unidas no apoio a um império americano de poder militar que mantém uma guerra repressiva contra grupos de resistência — tipicamente designados como «terroristas» — em todo o mundo. Esta Guerra ao Terror está, na realidade, muito mais focada na proteção da globalização transnacional, na movimentação livre e global do capital financeiro, na hegemonia do dólar e no acesso ao petróleo do que na repressão do terrorismo. Os Estados Unidos têm um longo historial de intervenções por todo o globo com o propósito de proteger os seus «interesses nacionais». A OTAN tem vindo a tornar-se cada vez mais um parceiro na agenda de domínio global dos EUA, refletindo a natureza económica de crescente carácter transnacional dos seus interesses nacionais.

A CLASSE CAPITALISTA TRANSNACIONAL

EXISTEM EM TODO O MUNDO ELITES DO PODER CAPITALISTA. A GLOBALIZAÇÃO do comércio e do capital leva ao estabelecimento de relações cada vez mais intrincadas entre as elites de todo o mundo — a tal ponto que os estudiosos, nas últimas décadas, começaram a criar teorias sobre o desenvolvimento de uma Classe Capitalista Transnacional (CCT).

Numa das primeiras obras sobre a CCT, *The Transnational Capitalist Class* (*A Classe Capitalista Transnacional*), de 2000, o autor Leslie Sklair argumentou que a globalização conduziu a uma ascensão das empresas transnacionais a papéis internacionais de maior influência, com o resultado de fazer com que os estados-nações se tornassem menos importantes do que os acordos internacionais estabelecidos através da OMC e outras instituições internacionais¹³. Destas empresas multinacionais emerge uma classe capitalista transnacional, cujas lealdades e interesses, embora ainda com raízes nas suas empresas, são cada vez mais de âmbito internacional.

Sklair enuncia que «está a surgir uma nova classe que procura gente e

recursos por todo o mundo para satisfazer o seu desejo insaciável pelo lucro privado e pela acumulação eterna. Esta nova classe é a Classe Capitalista Transnacional, composta por quadros superiores de empresas, burocratas e políticos globais, outros profissionais da globalização e elites consumistas». Sklair prossegue discutindo a forma como a CCT se revela como o emergente mecanismo de controlo da globalização, e como mostra uma solidariedade de classe nas suas ações. Esta ação de classe unida reproduz-se a si mesma através de uma crença partilhada em que o crescimento contínuo, através do consumismo alimentado pela procura do lucro, acabará por eliminar a pobreza global, a desigualdade em larga escala e evitar o colapso ambiental¹⁴.

Em 2004, William I. Robinson seguiu a mesma linha com o seu livro *A Theory of Global Capitalism: Production, Class, and State in a Transnational World*¹⁵ (*Uma Teoria do Capitalismo Global: Produção, Classe e Estado num Mundo Transnacional*). Robinson proclamou que 500 anos de capitalismo tinham levado a uma alteração portentosa e global, pela qual toda e qualquer atividade humana é transformada em capital. Nesta visão, o mundo tornou-se um mercado único, o que levou à privatização das relações sociais. Robinson reparou que a CCT partilha cada vez mais um estilo de vida, os padrões de ensino superior e o consumo. No centro desta burguesia internacional, que opera em nuvens oligopolistas por todo o mundo, está a circulação global do capital. Estas teias de elites formam alianças transnacionais estratégicas através de fusões e aquisições, com o fito de aumentar a concentração de riqueza e capital. O processo cria uma poliarquia de elites hegemónicas.

A concentração de riqueza e poder a este nível tende a levar a uma sobreacumulação nas mãos de elites cada vez menos numerosas, até um ponto em que o capital se vê limitado nas oportunidades de investimento seguras, o que por sua vez conduz a pressões para que sejam realizados investimentos de risco, especulativos. A Poderosa Elite Global da CCT realiza esforços para corrigir e proteger os seus interesses através de organizações globais como o Banco Mundial, a OMC, o Fundo Monetário Internacional, o G20, o G7, o Fórum Económico Mundial, a Comissão Trilateral, o Grupo Bilderberg, o Banco de Pagamentos Internacionais e outras associações transnacionais. Robinson afirma que, no quadro deste sistema, os estados-nações se tornam pouco mais do que zonas de contenção de população, e que o poder real fica nas mãos dos decisores que controlam o capital global¹⁶.

Um trabalho mais recente sobre a CCT é *The Making of a Transnational Capitalist Class*, de William K. Carroll, publicado em 2010. O trabalho deste autor centrou-se na consolidação das redes empresariais e políticas transnacionais entre 1996 e 2006. Ele usou uma base de dados dos membros das

administrações das 500 maiores empresas globais, revelando as ligações próximas entre um número de empresas-chave e a forma como o número de indivíduos envolvidos diminuiu. De acordo com esta análise, a média de elementos dos conselhos de administração empresariais desceu de 20,2 para 14,0 nos 10 anos cobertos pelo estudo. Além disso, as organizações financeiras tornaram-se cada vez mais o centro destas redes. Carroll defende que a CCT que ocupa o núcleo desta teia beneficia dos numerosos laços que a constituem e que fornecem tanto a capacidade estrutural como a consciência de classe necessárias para uma efetiva solidariedade política.¹⁷

O *Handbook of Transnational Governance (Manual de Governança Transnacional)*, de 2011, arrola 52 redes transgovernamentais, organizações de arbitragem, iniciativas de *stakeholders* (que cooperam através da internet) e grupos de regulação voluntária (associações para o trabalho e o comércio justos)¹⁸. As instituições da CCT entre as 52 citadas incluem a Basel Committee on Banking Supervision (Comité de Basileia para a Supervisão Bancária); o Grupo de Ação Financeira Internacional, estabelecido em 1989 para controlar a lavagem de dinheiro e o financiamento ao terrorismo; o Conselho de Estabilidade Financeira, criado em 1997, depois da crise financeira na Ásia, para fornecer aos ministros das Finanças uma plataforma de comunicação ao nível internacional, e que transmite recomendações ao G7 e ao G20; o Conselho de Normas Internacionais de Contabilidade, e a Associação Internacional de Supervisores de Seguros.

Bem escondida no seio da Classe Capitalista Transnacional está aquela a que David Rothkopf chama a «superclasse». No seu livro de 2008, *Superclass: The Global Power Elite and the World They are Making (Superclasse: A Poderosa Elite Global e o Mundo que Está a Construir)*, Rothkopf defendeu que esta superclasse compreende entre 6000 e 7000 pessoas, ou 0,0001 por cento da população mundial.¹⁹ São os que vão a Davos, os que viajam em jatos privados da Gulfstream, que estão ligados a várias megaempresas, que constituem as elites que definem as políticas seguidas no mundo — as pessoas que estão no absoluto cimo da pirâmide do poder global. São em 94 por cento homens, predominantemente brancos e em larga maioria provenientes da América do Norte e da Europa. Rothkopf afirma que são eles que definem as agendas do G8 (agora G7, depois da exclusão da Rússia), G20, OTAN, Banco Mundial e OMC. Provêm dos mais altos níveis do capital financeiro, das empresas transnacionais, dos governos, das forças armadas, da academia, de organizações não governamentais, são líderes espirituais e até da elite oculta. (Esta inclui, por exemplo, as escondidas políticas das organizações de segurança nacional ligadas a cartéis de droga internacionais, que extraem anualmente 8000

toneladas de ópio das zonas de guerra onde operam os EUA e depois lavam 500 mil milhões de dólares através de bancos transnacionais, metade dos quais está baseada nos EUA.)²⁰

A CCT/Poderosa Elite Global representa os interesses de várias centenas de milhar de milionários e bilionários, que incluem as pessoas mais ricas, as que constituem o um por cento no topo da hierarquia da riqueza mundial. Por ironia, esta extrema acumulação de capital concentrado no topo cria um problema permanente para os gestores globais do dinheiro, que se veem forçados a vasculhar o mundo para encontrar novas oportunidades de investimento capazes de produzir um retorno adequado do capital.

A definição que Rothkopf apresenta da superclasse enfatiza a influência e poder que ela detém. Os 2043 bilionários mundiais recenseados em 2017 detêm coletivamente 7,67 biliões de dólares. Bill Gates continua a ser a pessoa mais rica do mundo, e a sua fortuna cresceu em 11 mil milhões de dólares de 2016 para 2017, até um total de 88,8 mil milhões de dólares.²¹ Estes bilionários fazem parte da superclasse, mas nem todos se incluem na Poderosa Elite Global em termos da sua capacidade de influenciar diretamente as políticas globais. Contudo, quase todos seriam capazes de concordar com a ideia de que a proteção da sua riqueza e o seu continuado crescimento são uma boa ideia, cuja concretização deve ser assegurada pelos estados-nações, pelas forças policiais e pelos decisores políticos.²²

O Fórum Económico Mundial, que se reúne em Davos todos os anos, recebe quadros das maiores mil empresas globais, e desde 1971 que realça o permanente problema da desigualdade global, para lá de outras questões importantes a nível mundial. O encontro de janeiro de 2017 resultou num relatório com o título «É muito fácil isolarmo-nos» — os líderes de Davos refletem sobre as divisões sociais²³. O relatório declarava que as elites não se devem colocar à parte do resto do mundo. Philip Jennings, da UNI Global Union, afirmou que «se queremos criar uma sociedade para todos, todos devem de alguma forma ter assento à mesa onde são tomadas as decisões». Um dado singular no encontro de 2017 foi a inclusão de Xi Jinping, presidente da República Popular da China. A mensagem que Xi trazia era a de que muitos dos problemas do mundo de hoje são resultado da globalização económica. Um painel na mesma reunião debateu a questão «Será um rendimento básico para todos nada mais do que um sonho?»

É seguro afirmar que, em termos globais, o Fórum Económico Mundial continua a ser uma celebração da riqueza, da globalização e do capitalismo. Mesmo quando discutem os problemas do mundo, os participantes evitam procurar realmente soluções específicas para a pobreza global e a guerra

permanente que sejam uma alternativa à promoção do crescimento económico contínuo.

A nossa opinião sobre o Fórum Económico Mundial é a de que ele é similar ao acampamento de verão anual do San Francisco Bohemian Club.²⁴ Ambos os eventos acolhem milhares de membros da elite (no último caso, exclusivamente homens) que vão lá para escutar oradores e painéis selecionados, com famosos e importantes indivíduos a falar sobre os mais relevantes tópicos socioeconómicos em voga. Em ambas as ocasiões existe tempo dedicado a discutir e a criar laços entre os participantes. Porém, nenhum dos dois eventos emite recomendações formais sobre política ou determina agendas específicas para consideração pela governança global.

Neste livro vamos apresentar informação que mostra a forma como as elites transnacionais interagem como uma classe de indivíduos e funcionam como gestores do capital global. Identificamos 389 membros da Poderosa Elite Global como elementos-chave na gestão do capital concentrado, facilitadores do crescimento desse capital e protetores do sistema. Estas pessoas constituem o núcleo da elite do poder da Classe Capitalista Transnacional. Conhecem-se uns aos outros, direta ou indiretamente — muitas vezes pessoalmente —, realizam negócios juntos, detêm uma significativa fortuna pessoal, partilham histórias de educação e estilos de vida semelhantes, e têm interesses comuns a nível global. Quase todos têm assento nos conselhos de administração de importantes firmas de investimento de capital, ou em outras empresas de relevo e em bancos. Encontram-se em organizações políticas não governamentais e criam outras novas à medida que elas se tornam necessárias para tomar a nível privado decisões que os governos, as forças de segurança e as instituições mundiais implementarão em seguida. As elites do poder transnacional possuem uma identidade ideológica comum, e veem-se como os engenheiros do capitalismo global, imbuídas de uma firme crença em que o seu estilo de vida e o contínuo crescimento do capital é o melhor caminho para toda a Humanidade.

A CRISE DA HUMANIDADE

TEMOS DE AGRADECER AO SOCIÓLOGO WILLIAM I. ROBINSON, DA Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, pelo seu livro *Global Capitalism and the Crisis of Humanity* (*O Capitalismo Global e a Crise da Humanidade*), de 2014, que ajuda a enquadrar esta secção do nosso capítulo introdutório.²⁵ Robinson afirma que o mundo enfrenta uma crise sem precedentes de

desigualdade social, degradação ambiental, violência global e desestabilização econômica. Diz-nos que o sistema mundial centralizou e acumulou exageradamente o capital, ao ponto de limitar as oportunidades de investimento e de só existirem três mecanismos para colocar o capital em excesso: a arriscada especulação financeira, as guerras e todos os preparativos para elas, e a privatização das instituições públicas. A utilização destes mecanismos tende a resultar num problema de legitimação dos governos, no qual as estruturas democráticas são continuamente minadas e em que se assiste à emergência por todo o mundo de estados policiais militarizados.

Se as forças policiais e militares não se mostrarem capazes de controlar de forma efetiva os movimentos internos de resistência no seio das nações favoráveis aos interesses capitais da CCT, então forças internacionais selecionadas, dos EUA, da OTAN, das Nações Unidas ou de empresas privadas, entrarão em cena para assegurar o controlo e o apoio. Estas intervenções militares são justificadas em termos ideológicos com a designação de missões de manutenção da paz ou humanitárias. Contudo, se os governos ou regimes forem vistos como desfavoráveis aos interesses fundamentais da CCT, serão então as forças de resistência a receber apoio e encorajamento para que levem a cabo uma mudança de regime, como nos casos da Líbia, Síria, Iraque, Iémen, Somália, Ucrânia, Venezuela e Jugoslávia. Estas intervenções, tanto de apoio a alguns regimes como contra outros, têm terríveis consequências humanas, que incluem baixas civis, aumento da fome e da doença, e grande quantidade de refugiados e deslocados.

A riqueza total do mundo está estimada em perto de 255 biliões de dólares, sendo que os EUA e a Europa detêm aproximadamente dois terços desse total; entretanto, 80 por cento das pessoas no mundo vivem com menos de 10 dólares por dia, a metade mais pobre da população global vive com menos de 2,50 dólares por dia, e mais de 1,3 mil milhões de pessoas vivem com apenas 1,25 dólares diários.²⁶

William I. Robinson escreve acerca desta divisão da Humanidade em três segmentos: o um por cento, os 20 por cento e os 80 por cento; neste esquema, a riqueza continua a concentrar-se na quinta parte mais rica da Humanidade.²⁷ As elites da CCT orgulham-se de assinalar que o mundo tem hoje em dia a mais numerosa classe média de sempre.²⁸ Contudo, esse padrão de vida não se estende à vasta maioria da Humanidade, e o mais provável é que isso nunca aconteça no regime de capitalismo global tal como está organizado no mundo de hoje.

O *Los Angeles Times* anuncia que «uma em cada nove pessoas vão para a cama com fome todas as noites. Este 1/9 corresponde a 795 milhões de pessoas

no planeta a sofrerem de fome crónica, de acordo com o Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas. A ONU prevê que em 2050 haverá mais dois mil milhões de pessoas com falta de comida. Além disso, uma em cada três pessoas sofre de alguma forma de malnutrição, o que significa que a sua dieta não inclui suficientes minerais e vitaminas, o que pode levar a problemas de saúde, tais como o crescimento retardado das crianças... A cada ano que passa, as deficiências de nutrição matam 3,1 milhões de crianças abaixo dos cinco anos.»²⁹ Por dia morrem de fome e malnutrição 25 000 pessoas, mais de nove milhões por ano.³⁰ Este verdadeiro massacre ocorre por todo o mundo, diariamente. A fome resulta sobretudo do facto de as pessoas não terem dinheiro suficiente para adquirir alimentos para as suas famílias. Essas famílias não possuem os recursos para conseguir a nutrição necessária para manter as suas crianças vivas e saudáveis. A fome crónica deve-se sobretudo a um problema de distribuição, já que um terço de toda a comida produzida no mundo é perdida ou desperdiçada.³¹

Assim, enquanto milhões sofrem, as elites financeiras da CCT focam-se em procurar obter retorno sobre os seus biliões de dólares, o que pode incluir, e inclui de facto muitas vezes, a especulação no custo crescente da comida e da terra. Fazem-no em cooperação umas com as outras, num sistema capitalista global de poder e controlo pela CCT que as aprisiona estruturalmente em ciclos de crescimento e contração económica, com continuadas e maciças consequências humanitárias.

A especulação a nível global feita pelo capital inclui as terras aráveis, em que os agricultores indígenas são substituídos por investidores da elite do poder. Nos últimos 10 anos, mais de 90 mil milhões de dólares foram investidos em 78 países para a compra de perto de 30 milhões de hectares de terra arável. O resultado é uma agricultura empresarial intensiva, normalmente com vista à exportação, e a remoção dessas terras como uma fonte local de alimentos.³²

Embora grande parte das elites da CCT estejam cientes da pobreza global, as reais soluções para a fome e a morte perdem-se por entre as imparáveis e frenéticas movimentações pela obtenção de um retorno para o capital investido. Os governos poderiam colocar em marcha sistemas que permitissem recuperar a comida desperdiçada, e assim reduzir de forma significativa a fome no mundo. Uma solução talvez ainda mais simples para este problema seria a de aplicar uma taxa de riqueza de 25 por cento aos 2000 bilionários existentes no mundo; estes fundos, se distribuídos de forma equitativa, poderiam eliminar a fome no mundo de forma permanente.

A guerra e os seus preparativos é outra área em que a CCT investe o capital em excesso. O Instituto Internacional de Investigação para a Paz de

Estocolmo calcula que em 2016 os gastos militares no mundo se tenham situado nos 1,69 biliões de dólares, ou seja, 2,2 por cento do PIB global.³³ Em 2016, os maiores gastadores na área militar (sendo que cada um gastou mais de 10 mil milhões de dólares) foram os Estados Unidos (611 mil milhões de dólares), a China (215), a Rússia (69), a Arábia Saudita (63), a Índia (55), a França (55), o Reino Unido (54), o Japão (46), a Alemanha (41), a Coreia do Sul (36), a Itália (28), a Austrália (24), o Brasil (23), Israel (18), o Canadá (15), a Espanha (14), os Emirados Árabes Unidos (14), a Turquia (14), o Irão (12), a Argélia (10) e o Paquistão (10).³⁴ As palavras que Dwight Eisenhower proferiu em 1953 continuam atuais: «Cada arma que é produzida, cada navio de guerra lançado ao mar, cada míssil disparado significa, no fundo, um roubo aos que têm fome e não são alimentados, aos que têm frio e não possuem roupas».³⁵

As guerras do pós-11 de Setembro continuam a produzir confusão, caos e morte no Médio Oriente, em África e noutras regiões. Mais de 180 000 pessoas morreram em conflitos por todo o mundo em 2014.³⁶ Em 2017, mais de 65,5 milhões de pessoas eram refugiados, em fuga da guerra e da fome.³⁷ Estas guerras não resultam apenas do aventureirismo militar e dos conflitos políticos, são motivadas por medos ideológicos ampliados pela propaganda e pelo desejo de lucro sobre os investimentos do capital na área militar. A Lockheed Martin detém a liderança nos lucros obtidos com a guerra, com vendas de 36,4 mil milhões de dólares em 2015.³⁸ A perpétua Guerra ao Terror é boa para os negócios e para os investimentos em capital feitos pela CCT.³⁹ A guerra tornou-se um mecanismo institucionalizado para a continuação da concentração de capital na CCT e do seu crescimento, já que produz um retorno acima da média, com baixo risco.

Para muitos, a definitiva crise da Humanidade, para lá da possibilidade de uma guerra nuclear global, é representada pela degradação ambiental. O intelectual religioso David Ray Griffin pergunta, no seu livro *Unprecedented (Sem Precedentes)*, se a civilização conseguirá sobreviver à crise do CO₂.⁴⁰ Desde os tempos pré-industriais, a temperatura subiu 0,8 °C, o que provocou alterações significativas nos padrões meteorológicos mundiais. A fonte de mais de 70 por cento das emissões de gases com efeito de estufa desde 1988 está em cerca de cem empresas.⁴¹ Existe um atraso de pelo menos dez anos entre as emissões de CO₂ e as variações de temperatura. Portanto, mesmo que as emissões de CO₂ sejam drasticamente reduzidas neste momento, continuaremos a ver as temperaturas a subir nas próximas décadas.⁴² Esta elevação das temperaturas levará a eventos cada vez mais severos: furacões extremos, novos recordes de calor e frio, inundações e incêndios, marés vivas, elevada mortalidade e perdas financeiras.⁴³ Assistiremos a uma tremenda escassez de água doce e

de alimentos.⁴⁴ Estas perturbações e faltas levarão a guerras climáticas e a revoltas da população.⁴⁵ De facto, as doenças provocadas pela poluição já levam a nove milhões de mortes prematuras por ano.⁴⁶ Se não for controlado, tudo isto levará no futuro próximo a um colapso do ecossistema global e a extinções maciças da vida na Terra, incluindo possivelmente à extinção da própria Humanidade.⁴⁷

O mais bizarro é que os gestores do dinheiro da CCT/Poderosa Elite Global estudam as transformações ambientais em busca de novas oportunidades de investimento. Investir nas alterações climáticas pode ser lucrativo, segundo a *Forbes*, e apostar em investimentos na economia sem carbono e em setores que poderão beneficiar de um aumento das tensões climáticas — como a defesa, a saúde e os seguros de propriedades — pode revelar-se lucrativo.⁴⁸ Na Gronelândia há um importante aumento do interesse nas novas oportunidades para a atividade mineira, que se abrem graças ao aquecimento global.⁴⁹ O investimento privado no controlo das fontes de água é visto pela elite do poder como uma oportunidade cada vez mais atrativa para a especulação.⁵⁰

A Poderosa Elite Global que é identificada neste livro corresponde ao núcleo de gestores do dinheiro do capitalismo mundial. A cada ano que passa eles acumulam uma maior concentração de riqueza, mas continuam embrenhados numa insaciável busca de mais e mais. A maior preocupação da CCT/elite do poder é a proteção do capital investido, assegurar a cobrança das dívidas e a criação de oportunidades para maiores retornos financeiros. Se a proteção ambiental der lucro, então os investimentos verdes são aceitáveis. O que continua a ser inaceitável é gastar dinheiro nas pessoas, no ambiente e em serviços que não tragam benefícios para o capitalismo. Esta falta de preocupação com a melhoria da condição humana, seja ela intencional ou não, é a contradição que está no âmago da CCT, e a verdadeira crise do capitalismo. Inverter esta loucura é o dever de todas as pessoas com preocupações humanitárias, e acreditamos que tal pode ser conseguido de uma forma coletiva e não violenta num futuro próximo.

Acreditamos também que o facto de nomearmos os membros da Poderosa Elite Global e expormos os seus sistemas de hegemonia pode encorajar um número suficiente de entre eles a reconhecer os seus próprios impulsos humanitários; a partir daí poderão, de forma coletiva, em cooperação com as sociedades civis, encorajar uma reformulação organizada do nosso sistema económico global e enfrentar a realidade da nossa crise ambiental.

2.

AS GIGANTES FINANCEIRAS GLOBAIS:

O NÚCLEO DO CAPITALISMO GLOBAL⁵¹

Neste capítulo vamos identificar as 17 maiores firmas de gestão de ativos do mundo. Cada uma delas gere mais de um bilião de dólares em capital de investimento. O montante total que é gerido pelo conjunto destas 17 companhias excede 41,1 biliões de dólares. Estas empresas são as Gigantes do capitalismo internacional. A riqueza que gerem provém de muitos milhares de milionários, bilionários e companhias que permitem que o seu dinheiro seja investido no mercado pelas firmas de gestão de ativos, na expectativa de obterem lucros acima da média.

Estas 17 Gigantes do capitalismo que gerem coletivamente esta concentração de mais de 41,1 biliões de dólares operam em praticamente todos os países. São as instituições centrais do capital financeiro que faz andar o sistema económico mundial. Os governos ocidentais e as instituições que regulam a política internacional trabalham geralmente no interesse destas Gigantes financeiras, de forma a proteger o fluxo ininterrupto do investimento em capital e a assegurar que as dívidas são cobradas por todo o mundo.

Um estudo de 2011, da Universidade de Zurique, realizado por Stefania Vitali, James B. Glattfelder e Stefano Battiston, no Instituto Federal de Tecnologia da Suíça, mostrou que um pequeno grupo de companhias — sobretudo bancos e instituições financeiras — detém um poder desproporcionado sobre a economia global.⁵² Através da aplicação de modelos matemáticos — normalmente utilizados para modelar sistemas naturais — às maiores 43 060 empresas transnacionais envolvidas na economia global, o estudo concluiu que 147 companhias controlavam cerca de 40 por cento da riqueza

mundial.⁵³ Quinze das nossas 17 maiores companhias de gestão de ativos foram assinaladas como as firmas que possuem mais ligações e contactos em todo o mundo.

Este estudo tem uma grande importância para a nossa compreensão da centralização das empresas transnacionais. O estudo apoia de facto o conceito de uma estrutura fortemente centralizada do capital, gerida por um cada vez menor número de instituições que detêm um poder imenso. Isto quer dizer que os diretores/gestores destas Gigantes constituem uma elite de poder emergente no seio da Classe Capitalista Transnacional, com elevados níveis de ligações internas e capacidade de interação. Os autores do estudo de Zuriqie tiveram todo o cuidado, em 2011, de evitar afirmar que uma grande concentração de riqueza nas mãos de uns poucos executivos de topo determina necessariamente uma estrutura de poder. Para podermos compreender de forma cabal o poder de uma Poderosa Elite Global emergente, são essenciais uma análise sociológica da rede e interpretações qualitativas dos atores-chave neste sistema fortemente concentrado.

GIGANTES:

AS MAIORES FIRMAS DE GESTÃO DE ATIVOS, QUE DETINHAM
MAIS DE UM BILHÃO DE DÓLARES NO INÍCIO DE 2017

NOME	PAÍS	MONTANTE SOB GESTÃO (EM BILHÕES DE DÓLARES)	POSIÇÃO NO RANKING DAS LIGAÇÕES (2010)
1. BlackRock*	EUA	5,4	-
2. Grupo Vanguard	EUA	4,4	8
3. JPMorgan Chase	EUA	3,8	6
4. Allianz SE (PIMCO)	Alemanha / EUA	3,3	27
5. UBS	Suíça	2,8	9
6. Bank of America Merrill Lynch	EUA	2,5	10
7. Barclays plc	Reino Unido	2,5	1
8. State Street Global Advisors	EUA	2,4	5

9. Fidelity Investments (FMR)	EUA	2,1	3
10. Bank of New York Mellon	EUA	1,7	16
11. Grupo AXA	França	1,5	4
12. Grupo Capital	EUA	1,4	2
13. Grupo Goldman Sachs	EUA	1,4	18
14. Credit Suisse	Suíça	1,3	14
15. Prudential Financial	EUA	1,3	-
16. Morgan Stanley & Co.	EUA	1,3	21
17. Amundi/Crédit Agricole	França	1,1	24
TOTAL 17 FIRMAS (199 GESTORES)		41,1	

*Nota: Em 2009, a BlackRock comprou o negócio de gestão de ativos da Global Investor, do Barclays, o que muito provavelmente a terá deixado em boa posição no *ranking* corrente das firmas mais ligadas. Em 2017, a BlackRock aumentou o volume de ativos sob gestão em 22 por cento, para 6,29 biliões de dólares, e anunciou benefícios fiscais de 1,2 mil milhões no quarto trimestre, graças ao pacote de corte de impostos de Trump.⁵⁴

Pensamos que o mundo precisa de saber quais as companhias que constituem o núcleo do capitalismo global, e dessa forma saber quem toma as decisões financeiras quanto ao uso da riqueza mundial. Na realidade, este esforço de investigação, embora muito trabalhoso, não tem nada de extraordinário: a maior parte da informação está não apenas disponível ao público, como se encontra *online*. Começámos com as 50 companhias mais centrais do já citado estudo suíço de 2011.⁵⁵ Desta forma identificámos as empresas mais perto do centro da rede e que são as que possuem mais ligações em todo o mundo. Queríamos também ter em consideração os grupos que geriam os maiores volumes de capital financeiro, pelo que usámos como conjunto de dados de base as firmas de gestão de ativos que detinham mais de um bilião de dólares em 2017.⁵⁶

Quinze das 17 maiores firmas de gestão de ativos estavam entre as 27 mais centralizadas das identificadas no estudo suíço, e nove delas estão entre as 10 que ocupam os primeiros lugares na lista de conexões. No Capítulo 3 identificamos as 199 pessoas que fazem parte dos conselhos de administração destas

17 maiores firmas de gestão de ativos. Coletivamente, eles gerem mais de 41,1 bilhões de dólares em fundos e operam em quase todos os países do mundo. Estes 41,1 bilhões de dólares não incluem os balanços das participações — que se contam em milhares de milhões de dólares — que cada uma destas firmas detém em ativos de companhias, nem os vastos aumentos nos valores desses ativos que resultaram dos cortes de impostos feitos por Trump em 2017.

As maiores companhias de gestão de ativos mostram uma decidida tendência para investir umas nas outras, fazendo desta rede um núcleo sólido de companhias interligadas que partilham investimentos por todo o mundo. A JPMorgan Chase e outras 14 das Gigantes que representam mais de um bilhão de dólares investem diretamente na BlackRock.⁵⁷ As 17 Gigantes investem no total 403,4 mil milhões de dólares umas nas outras. Este capital entrelaçado é provavelmente muito maior do que esta estimativa aqui avançada, mais na região do um a dois bilhões de dólares, uma vez que os dados da NASDAQ respeitantes às Gigantes, que referem 9,8 bilhões, só incorporam informação sobre os investimentos de cerca de 24 por cento do total dos 41,1 bilhões de dólares. Ainda assim, estas estimativas são suficientes para mostrar de forma clara que as Gigantes fazem significativos investimentos umas nas outras. O resultado deste investimento cruzado é uma estrutura de capital global entrelaçado que acumula cada vez mais e mais riqueza, em detrimento contínuo de milhares de milhões de pessoas em todo o mundo.

GIGANTES FINANCEIRAS GLOBAIS

CAPITAL INVESTIDO DIRETAMENTE EM OUTRAS GIGANTES:

TOTAL DE 403,4 MIL MILHÕES DE DÓLARES

2017⁵⁸

JPMORGAN CHASE

(ATIVOS SOB GESTÃO: 3,8 BILIÕES DE DÓLARES)

DADOS DA NASDAQ: 439 MIL MILHÕES DE DÓLARES

TOTAL INVESTIDO NOUTRAS GIGANTES: 15,57 MIL MILHÕES DE DÓLARES

Grupo Vanguard	3,56 mil milhões	BlackRock	1,19 mil milhões
State Street	282 milhões	Bank of America	5,2 mil milhões
Bank of NY Mellon	535 milhões	Morgan Stanley & Co.	2,5 mil milhões

Grupo Goldman Sachs	658 milhões	UBS	618 milhões
Prudential Financial	663 milhões	Barclays p	354 milhões

Maiores participações da JPMorgan Chase: S&P 500 Exchange Traded Funds (ETF) (43,7 mil milhões de dólares), Apple (8,9 mil milhões), Microsoft (7,1 mil milhões), United Health Group (5 mil milhões), Alphabet (Google) (8,4 mil milhões), Pfizer (5 mil milhões), Amazon (4,1 mil milhões), Facebook (3,8 mil milhões), Philip Morris (1,7 mil milhões), Berkshire Hathaway (mil milhões).

GRUPO VANGUARD

(ATIVOS SOB GESTÃO: 4,4 BILIÕES DE DÓLARES)

DADOS DA NASDAQ: 2,2 BILIÕES DE DÓLARES

TOTAL INVESTIDO NOUTRAS GIGANTES: 72,1 MIL MILHÕES DE DÓLARES

JPMorgan Chase	26,9 mil milhões	Bank of America	19,2 mil milhões
Grupo Goldman Sachs	6 mil milhões	Morgan Stanley & Co.	4,9 mil milhões
BlackRock	4,3 mil milhões	Bank of NY Mellon	3,7 mil milhões
Prudential Financial	3,5 mil milhões	UBS	1,5 mil milhões
FMR	2,1 mil milhões		

Maiores participações do Grupo Vanguard: Apple (58,5 mil milhões de dólares), Microsoft (46,3 mil milhões), Alphabet (Google) (42 mil milhões), Amazon (31 mil milhões), Facebook (28,4 mil milhões), Johnson & Johnson (28 mil milhões), Berkshire Hathaway (24 mil milhões), Citigroup (14,1 mil milhões), Philip Morris (11,8 mil milhões).

BANK OF AMERICA MERRILL LYNCH

(ATIVOS SOB GESTÃO: 2,5 BILIÕES DE DÓLARES)

DADOS DA NASDAQ: 594 MIL MILHÕES DE DÓLARES

TOTAL INVESTIDO NOUTRAS GIGANTES: 70,14 MIL MILHÕES DE DÓLARES

BlackRock	2,7 mil milhões	Grupo Vanguard	55,6 mil milhões
State Street	264 milhões	FMR	1,6 mil milhões
JPMorgan Chase	6,3 mil milhões	Bank of NY Mellon	301 milhões
Grupo Goldman Sachs	1,5 mil milhões	Morgan Stanley & Co.	869 milhões
UBS	143 milhões	Allianz SE (PIMCO)	153 milhões
Prudential Financial	518 milhões	Credit Suisse	123 milhões

Maiores participações do Bank of America Merrill Lynch: S&P 500 ETF (35,5 mil milhões de dólares), Ishares (Global ETF) (mais de 47,7 mil milhões), Apple (7,1 mil milhões), Philip Morris (3,1 mil milhões), Alphabet (6 mil milhões), Facebook (3,5 mil milhões).

BLACKROCK

(ATIVOS SOB GESTÃO: 5,4 BILIÕES DE DÓLARES)

DADOS DA NASDAQ: 2,04 BILIÕES DE DÓLARES

TOTAL INVESTIDO NOUTRAS GIGANTES: 66,1 MIL MILHÕES DE DÓLARES

JPMorgan Chase	24,4 mil milhões	Bank of America	19,3 mil milhões
Grupo Goldman Sachs	6 mil milhões	Morgan Stanley & Co.	5,5 mil milhões
Prudential Financial	3,7 mil milhões	Bank of NY Mellon	3,1 mil milhões
State Street	2 mil milhões	FMR	2 mil milhões

Maiores participações da BlackRock: Apple (53,24 mil milhões de dólares), Microsoft (40,1 mil milhões), Ishares (40,1 mil milhões), Amazon (27,4 mil milhões), Facebook (24,1 mil milhões), Berkshire Hathaway (20,2 mil milhões), Alphabet (37,4 mil milhões), Citigroup (14,5 mil milhões), Philip Morris (9,7 mil milhões).

PRUDENTIAL FINANCIAL

(ATIVOS SOB GESTÃO: 1,3 BILIÕES DE DÓLARES)

DADOS DA NASDAQ: 72 MIL MILHÕES DE DÓLARES

DADOS DA NASDAQ PARA A PRUDENTIAL PLC: 32 MIL MILHÕES DE DÓLARES

TOTAL INVESTIDO NOUTRAS GIGANTES: 4,1 MIL MILHÕES DE DÓLARES

BlackRock	87 milhões	Grupo Goldman Sachs	315 milhões
Grupo Vanguard	113 milhões	State Street	94 milhões
JPMorgan Chase	mil milhões	Bank of NY Mellon	259 milhões
Bank of America	1,14 mil milhões	Morgan Stanley & Co.	915 milhões
UBS	166 milhões	FMR	28 milhões

Maiores participações da Prudential Financial: Apple (2,4 mil milhões de dólares), Microsoft (2,3 mil milhões), Alphabet (2 mil milhões), Amazon (810 milhões), Berkshire Hathaway (735 milhões), S&P 500 ETF (500 milhões), Ishares (930 milhões), Philip Morris (267 milhões).

GRUPO GOLDMAN SACHS

(ATIVOS SOB GESTÃO: 1,4 BILIÕES DE DÓLARES)

DADOS DA NASDAQ: 321 MIL MILHÕES DE DÓLARES

TOTAL INVESTIDO NOUTRAS GIGANTES: 9,4 MIL MILHÕES DE DÓLARES

BlackRock	362 milhões	Grupo Vanguard	2,8 mil milhões
State Street	191 mil milhões	FMR	237 milhões
Bank of America	2,1 mil milhões	Bank of NY Mellon	297 milhões
Morgan Stanley & Co.	447 milhões	JPMorgan Chase	2,4 mil milhões
UBS	236 milhões	Prudential Financial	398 milhões

Maiores participações do Grupo Goldman Sachs: S&P 500 ETF (11,5 mil milhões de dólares), Ishares (11,8 mil milhões), Apple (5,2 mil milhões), Amazon (4,1 mil milhões), Microsoft (3,4 mil milhões), Alphabet (4,1 mil milhões), Berkshire Hathaway (1,4 mil milhões), Philip Morris (768 milhões).

UBS

(ATIVOS SOB GESTÃO: 2,8 BILIÕES DE DÓLARES)

DADOS DA NASDAQ: 170 MIL MILHÕES DE DÓLARES

TOTAL INVESTIDO NOUTRAS GIGANTES: 16,17 MIL MILHÕES DE DÓLARES

Grupo Vanguard	12,3 mil milhões	JPMorgan Chase	1,39 mil milhões
Allianz SE (PIMCO)	179 milhões	Grupo Goldman Sachs	210 milhões
Bank of America	656 milhões	Morgan Stanley & Co.	145 milhões
Barclays plc	192 milhões	BlackRock	1,05 mil milhões
	(Ishares)		

Maiores participações da UBS: S&P 500 ETF (9,5 mil milhões de dólares), Apple (2,4 mil milhões), Microsoft (2,4 mil milhões), Ishares (19 mil milhões), Alphabet (2,42 mil milhões), Facebook (1,3 mil milhões), Philip Morris (317 milhões).